

humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

documento de enorme importância para o estudo de um dos nomes grandes da literatura italiana na primeira metade do mesmo século XX.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

Trevizam, M., (org.), *Virgílio, Geórgicas I*. Trad. de António Feliciano de Castilho e M. Trevizam, Belo Horizonte, UFMG, 2013. 93 p. ISBN 978-85-7041-955-2

Este simpático livrinho, organizado por Matheus Trevizam (FALE/UFMG), conta com um prefácio de Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL/Unicamp) que insere o poema no contexto da poética de cariz alexandrino e se congratula pela escolha desta obra pouco revisitada pelos estudiosos.

Segue-se uma introdução da autoria de Matheus Trevizam. Trata-se de uma introdução que tem em vista um público geral, como se deduz do facto de se assumir explicitamente como orientadora «dos leitores pouco familiarizados com a arte de Virgílio ou a maneira clássica da expressão» (p. 29). Por isso, o autor começa com uma breve biografia do poeta, tendo sempre no horizonte a obra em estudo, e percorre, de seguida, a carreira poética de Virgílio, desde o humilde género pastoril das *Bucólicas* até ao épico da *Eneida*, passando pela especificidade do poema didáctico das *Geórgicas* e suas conexões com os outros dois géneros. Compara as três obras de Virgílio no que toca a influências, ao assunto, ao animal-tipo, ao cenário geográfico e ao ambiente cantado. Circunscrevendo o âmbito da análise, trata de seguida o fundo cultural e histórico das *Geórgicas*, baseado no orgulho e na exaltação da terra, cujo labor moldara nos homens as virtudes e coragem militar; em suma, valores ancestrais que iam ao encontro da ideologia augustana, apesar de alguns elementos polémicos em relação às guerras fraticidas que levaram o *princeps* ao poder e que contribuem para desmontar leituras simplistas e unívocas da obra.

A introdução envereda, depois, pela história do género e influências sobre Virgílio, no que toca ao objectivo didáctico de carácter filosófico-científico, desde Hesíodo, passando por Nicandro, Arato, Énio, no que respeita à incorporação de conhecimentos agrícolas, operada por Hesíodo, Arato, Teofrasto, Lucrécio e Varrão. Repesca-se pois a influência de Hesíodo, respeitante às idades e aos tempos de semear; de Arato, no que toca aos fenómenos relevantes para o tema; de Teofrasto, para as formas

de reprodução das árvores e sua variedade; de Varrão, que fornece grande parte do conteúdo estruturante das *Geórgicas*.

O autor passa então a tratar as características gerais de Virgílio dispersas pelos quatro livros. Retomando o assunto dos livros e a arte descritiva do poeta, salienta a harmonia da construção, os recursos que, a somar à fuga à banalidade das escolhas e omissões, fazem da obra uma outra coisa que não um manual para fazendeiros, propondo um mundo rústico poético que assenta num acordo tácito, uma vez que tanto o poeta como os seus leitores sabem que não corresponde ao mundo campesino real. Restringindo, de seguida, o campo de análise ao tema do volume, o organizador passa a tratar a estrutura do primeiro livro e a fazer uma descrição do conteúdo de cada trecho.

Seguidamente, a par do texto latino, já fixado, colocado do lado esquerdo, apresenta-se a tradução de Matheus Trevizam, uma versão que, pela procura de seguir, tanto quanto possível, a ordem dos versos e pela proximidade ao texto latino, consegue, de forma simples (e evitando qualquer afectação do estilo), manter um *color* poético em português que torna a leitura agradável. Como exemplo deste estilo simples e conciso podemos considerar uma expressiva secção da descrição da tempestade, onde um bem conseguido jogo de sonoridades nos transporta para o ambiente representado (p. 51): «Continuamente, erguendo-se os ventos, começam os braços de mar a inchar-se agitados e um ruído seco a ser ouvido nos altos montes, ou os litorais a perturbar-se, ressoando ao longe, e o murmúrio dos bosques a aumentar. Já a onda se arroja contra as quilhas curvas quando, do meio do mar, os mergulhões tornam voando rápido e levam o clamor à costa, as gaivotas marinhas brincam no seco, e a garça deixa os pântanos conhecidos e voa sobre altas nuvens» (vv. 356-364).

No final da tradução, figuram as notas ao texto, utilíssimas para o leitor. Haveria vantagem em estarem colocadas antes em rodapé, de modo a facilitar uma leitura mais imediata, mas provavelmente a formatação obedece a critérios predefinidos. Uma ou outra nota ganharia em ser um pouco mais extensa, logo a começar pela primeira, sobre Mecenas, mas tais opções dependem claramente dos objectivos da obra.

Oferece-se no final a tradução em verso de António Feliciano de Castilho, já citada no prefácio de Paulo Sérgio Vasconcellos, precedida de um comentário introdutório da autoria de Teresa Virgínia Ribeiro Barbosa (FALE/UFGM). A autora estabelece a ligação entre a génese desta tradução e as ideias expressas por Castilho em *A felicidade pela agricultura*, um manifesto em prol dos labores campesinos; e destaca nesta obra a concepção idealizada da vida do campo como origem da poesia («a Poesia nasceu nos campos, e por muito tempo só

conheceu esse viver viçoso e perfumado»), símbolo da idade de ouro e ponto de convergência de todas as civilizações («O campo é que é o centro de unidade da espécie humana»). Através deste comentário, o leitor pode compreender a razão da escolha de Castilho, também tradutor de outra obra didáctica, os *Fastos* de Ovídio. Com esta tradução se oferece um complemento importante, pois se contribui para ilustrar a recepção entre nós daquela obra de Virgílio. Uma bibliografia seleccionada ajuda a aprofundar temas relacionados com a obra, no que respeita a literatura, história, cultura e recepção.

Saudamos, pois, o advento deste livro, deveras útil a todos os títulos quer para os alunos que dão os primeiros passos nas literaturas clássicas ou em estudos de recepção, quer para os curiosos da antiguidade greco-latina, que aqui encontram um instrumento claro e rápido de acederem ao mundo da poesia da época de Augusto, cujo bimilenário da morte estamos prestes a comemorar.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Valencia, Pedro de, *Epistolario*, Estudio preliminar, edición, traducción, notas e índices de Francisco Javier Fuente Fernández y Juan Francisco Domínguez Domínguez, Madrid, Ediciones Clásicas, 2012, 396 pp. ISBN: 84-7882-759-5.

A correspondência deste humanista de referência no panorama do humanismo espanhol da segunda metade do séc. XVI e na primeira do séc. XVII estava já parcialmente acessível ao leitor interessado nesta figura e na sua época. A publicação deste volume vem suprir a falta de uma edição completa da epistolografia de Pedro de Valencia. Como confessa Francisco Fernandez, esta obra pretende reunir num só volume toda a correspondência do humanista, devidamente tratada e anotada, corrigindo alguns defeitos das anteriores edições, publicando algumas cartas até agora inéditas, e dotando-as de notas esclarecedoras para que delas se retire maior proveito. Estas notas resultam de um estudo rigoroso e proporcionam um conhecimento das fontes do humanista, fontes clássicas, bíblicas e coevas; dos factos e figuras do seu tempo, para além de fornecerem explicações de teor linguístico sobre termos usados pelo humanista. São notas muito completas e reveladoras da erudição dos autores e do estudo que consagraram a estas cartas.

Esta publicação reveste-se de grande interesse não só porque possibilita uma visão de conjunto da epistolografia de Pedro de Valencia mas porque